

Corpo e produção de identidades de meninas em uma Instituição de Acolhimento na cidade de Pelotas/RS

*Cuerpo y producción de identidades de niñas en una Institución de
Acogida en la ciudad de Pelotas / RS*

Lóry da Silveira Ribeiro¹

Josiane Vian Domingues²

Resumo

Entendendo que os corpos estão sendo produzidos/educados em instituições de acolhimento, através das relações sociais e culturais que as crianças e adolescentes lá estabelecem, este trabalho apresenta como objetivo analisar as narrativas sobre corpo e produção de identidades de meninas em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas – RS. Para tanto, foram utilizadas as narrativas produzidas pelas meninas moradoras da Casa das Meninas II. Esse trabalho foi construído a partir de uma abordagem dos Estudos Culturais, especificamente utilizando a produção de narrativas enquanto metodologia. Para isso, o grupo focal serviu como ferramenta para a produção dos dados. Enquanto análise, foi possível ponderar que as meninas que estão institucionalizadas, a todo instante trazem um corpo orgânico/ biológico, mas ao mesmo tempo com indícios que ele é produzido culturalmente, sobretudo, a partir de múltiplas identidades que o atravessam. Além disso, foi possível visualizar também que as meninas produzem os seus corpos a partir das mais variadas identidades, sobretudo em relação ao gênero, onde elas reconhecem os papéis atribuídos a homens e mulheres, entretanto, acabam, por vezes, borrando suas formas hegemônicas. Enfim, por mais que as meninas estejam o tempo inteiro sendo disciplinadas e controladas em suas rotinas diárias nesta instituição, isso não impede que esses corpos escapem e produzam outros sentidos, para além daqueles que são permitidos e institucionalizados.

Palavras-chave: Corpos, Identidades, Instituição de Acolhimento, Meninas.

Resumen

En el sentido de que los cuerpos están siendo producidos / educados en las instituciones de acogida, a través de las relaciones sociales y culturales que establecen, siendo diariamente modificados, este trabajo presenta como objetivo analizar las narrativas sobre el cuerpo y la producción de identidades de niñas en una institución de acogida en la ciudad de Pelotas - RS. Para ello, se utilizaron las narrativas producidas por las niñas moradoras de la Casa das Meninas II. Este trabajo fue construido a partir de un enfoque de los Estudios Culturales, específicamente utilizando la producción de narrativas como metodología. Para ello, el grupo focal sirvió como herramienta para la producción de los datos. En cuanto análisis, fue posible ponderar que las niñas que están institucionalizadas, a cada instante traen un cuerpo orgánico / biológico, pero al mismo tiempo con indicios que él es producido culturalmente, sobre todo, a partir de múltiples identidades que lo atraviesan. Además, fue posible analizar también que las niñas producen sus cuerpos a partir de las más variadas identidades, sobre todo en relación al género, donde ellas reconocen los papeles atribuidos a hombres y mujeres, sin embargo, acaban a veces enmascarando esas formas hegemónicas. En fin, por más que las niñas estén todo el tiempo

¹ Acadêmica do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação da Infância (NEPE); Pelotas; RS; Brasil; E-mail: lory94@gmail.com.

² Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora Substituta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande; Pesquisadora do Observatório de Práticas Corporais e Políticas da vida; Rio Grande; RS; Brasil; E-mail: jo_pedagoga@yahoo.com.br.

siendo disciplinadas y controladas en sus rutinas diarias en esta institución, eso no impide que esos cuerpos escapen y produzcan otros sentidos, además de aquellos que son permitidos e institucionalizados.

Palabras claves: Cuerpos, Identidades, Institución de acogida, Niñas.

1. Adentrando a temática

Este trabalho apresenta como objetivo analisar as narrativas sobre corpo e produção de identidades de meninas em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas – RS. Para tanto, esse trabalho surge atravessado a experiências de vida, pela aproximação com uma instituição de acolhimento, por conta do programa Apadrinhamento Afetivo.

É importante investigar como os corpos são produzidos em instituições de acolhimento, pois esses são espaços educativos e disciplinadores, bem como outras instituições que normalmente são pesquisadas, como a escola, o quartel, a prisão entre outras.

Importante reconhecer que os nossos corpos estão sendo produzidos para além de uma organização biológica, é também social e histórico, sendo diariamente modificado pela cultura. Os corpos são pedagogizados constantemente, com isso aprendem o modo como devem agir, de que forma andar, sentar, se podem se tatuar, devem ser magros ou não. Enfim, através do lugar onde nos inserimos e da cultura que nos atravessa é que são determinadas as formas corretas ou incorretas de se ter um corpo.

A partir do exposto, este trabalho torna-se importante por estudar o corpo que está institucionalizado, um corpo que vai além de um olhar biológico, visto como máquina, mas um corpo que é linguagem, ou seja, que fala, sente, que merece ser escutado, pois este é produzido e produz identidades a todo o momento.

2. Metodologia

Este trabalho foi realizado em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas³, que abriga meninos e meninas com idades de 0 a 18 anos. A importância de fazer uma pesquisa com as crianças e adolescentes e não sobre eles(as) se dá na tentativa de descentralizar um olhar adultocêntrico. Essa descentralização motivou a realização da pesquisa com as meninas, pois é preciso compreender que a forma de vivenciar o mundo das crianças e adolescentes é diferente a dos adultos, gerando conhecimentos legítimos e com isso, confiáveis.

Esse trabalho foi construído a partir de uma abordagem dos Estudos Culturais, especificamente utilizando a produção de narrativas. Para tanto, como forma de construir os dados, foi realizado um grupo focal com cerca de 2 horas de duração, tendo a participação de 4 meninas.

A partir de Gatti (2005), o grupo focal é produzido através da seleção de participantes que discutem sobre um tema, em que todos(as) devem conhecer ou ter alguma característica em comum. Este grupo envolve atividades coletivas e podem ser utilizados diferentes artefatos disparadores tais como: revistas, propagandas, desenhos, músicas, filmes, entre outros. A temática para o grupo realizado foi Corpo, e a partir do que as meninas diziam, emergiu também a temática Identidades.

Nesse encontro, as meninas precisaram discutir sobre os seus entendimentos sobre corpo, através de desenhos e após encontrando corpos em revistas, os quais poderiam se

³ Para a realização desse trabalho foi pedida autorização a promotoria da Infância e Adolescência da cidade de Pelotas, pois entende-se que essas meninas estão sob responsabilidade do Estado.

assemelhar aqueles desenhados por elas. Foram utilizados como instrumentos que disparassem a discussão, revistas, folhas de ofício, canetinhas, lápis de cor, giz de cera, cola bastão e tesouras. A medida em que as meninas iam desenhando, pintando e recortando os corpos nas revistas, alguns questionamentos estavam sendo feitos, no sentido de discutir sobre produção dos seus corpos naquela instituição.

3. Corpo e a produção de Identidades das meninas.

Durante a conversa e a produção dos desenhos pelas meninas, várias questões foram chamando a atenção. Em um primeiro momento, foi possível identificar que o corpo que todas as meninas estavam desenhando se assemelhava a um corpo biológico. Por vezes, um corpo que é separado da cabeça.

“Só um corpo? Não pode nem os olhos?”; Maria (1 de julho de 2017).

“Olha tia, agora eu não tenho corpo, sou só uma cabeça” (Menina escondida atrás de uma parede mostrando somente a cabeça). Camila (1 de julho de 2017).

Apesar desse corpo biológico aparecer nas falas de algumas meninas, foi possível identificar, ao mesmo tempo, a presença de um corpo social e culturalmente produzido. Um corpo que é o tempo todo construído socialmente, pois se relaciona com outras pessoas e diferentes artefatos. Esses corpos são atravessados por outras relações e ao mesmo tempo em que este é produzido, é produtor de cultura.

É possível ponderar que as meninas reconhecem o corpo como biológico pelas maneiras as quais é descrito, por exemplo na escola, ao longo das aulas de ciências naturais e/ou biologia. Um corpo que é repleto de órgãos e com todo um sistema fisiológico que o faz funcionar.

Segundo Souza (2008, p. 16):

Em geral, quando falamos no corpo humano, partimos de uma visão biologicista para explicar aquilo que acontece com e nele; amparamo-nos na sua fisiologia e anatomia, no seu micro funcionamento e constituição celular e genética. No entanto, ao voltarmos o olhar para a nossa própria história, ou seja, as práticas sociais com as quais fomos nos relacionando desde que nascemos, veremos que o corpo é mais do que “pura” biologia como usualmente pensamos, particularmente quando falamos dele nas aulas relacionadas ao ensino de ciências.

A partir da autora, é possível ponderar que os corpos estão, a todo o momento, sendo marcados e modificados a partir das suas diferentes vivências e espaços sociais onde circulam. Desse modo, não é possível vê-los apenas através de uma visão biológica, mas um corpo que é linguagem, ou seja, que fala, sente, que merece ser escutado, pois este é produzido e produz identidades a todo o momento.

Camila (9 anos): A N (uma menina que é colega de escola) é P-U-T-A, bem piriguete.

Eu: Por que que ela é piriguete?

Camila (9 anos): Porque ela vai de shortzinho e começa a agachar fazendo que vai amarrar os tênis.

Maria (9 anos): E os guris passam dando sarrapo⁴ na bunda dela. (1 de julho de 2017).

⁴ Gíria que as meninas usaram que significa espécie de um tapa.

Os corpos contam histórias, com variadas possibilidades, sendo condicionadas pela cultura na qual estão inseridas. São educados constantemente em todos os espaços que transitam, dentre eles estão as suas moradias, que neste caso em específico são as instituições de acolhimento. Dependendo dos espaços onde estão colocados, modificam as suas formas de linguagem, demonstrando ou não seus gostos, desgostos, sentimentos, enfim vão modificando as suas identidades dependendo daquilo que está em seu entorno.

Somos seres produzidos na e pela cultura e as identidades são produzidas a partir das relações estabelecidas nesses espaços. As crianças e os adolescentes são construtores e efeitos de suas culturas, com isso, não há como pensar em um entendimento único sobre identidade. No mundo todo, há diferentes formas de se constituir como sujeitos, não existindo um único modo de ser criança e adolescente.

A partir dos relatos que as meninas foram trazendo ao longo do encontro, foi possível identificar ainda, no que tange a produção das identidades, que elas reproduzem uma ideia dos papéis de gênero bem demarcados/definidos. Em outras palavras, elas compreendem que aos meninos são atribuídas determinadas ações e às meninas, outras. Entretanto, ao mesmo tempo em que elas trazem esses entendimentos, elas borram essas fronteiras, ultrapassando aquilo que definem como sendo atributos de meninos e de meninas.

Camila (9 anos): eu tenho uma gangue lá na minha escola.

Eu: tu tem uma gangue?

Camila (9 anos): sou eu quem mando

Michele (13 anos): tu tens uma gangue só porque eu te falei que eu tenho?

Camila (9 anos): Não. Eu tenho desde o primeiro ano minha querida, não sei se tu sabe? E eu sou a líder da gangue

Maria (9 anos): Mentiraaa!

Eu: por que vocês tem gangue no colégio?

Maria (9 anos): eu não tenho gangue

Camila (9 anos): pra bater nas pessoas que enchem o saco

Michele (13 anos): eu não tenho gangue na escola, tenho no Bom Jesus, mas agora que eu to aqui dentro, não posso mais falar com as gurias. (1 de julho de 2017)

É possível compreender, a partir de Meyer que “gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado”. (Meyer, 2003, p. 13)

Ao mesmo tempo em que as meninas demonstraram ultrapassar essas barreiras que determinam o que seriam coisas de meninos e de meninas, algumas delas dizem que gostariam de serem modelos ou atrizes, mostrando que os corpos que estavam nas revistas eram os ideais. Uma das meninas inclusive se identifica corporalmente com as modelos, assim sonhando em seguir tais profissões.

Michele (13 anos): Tia, quando eu crescer quero ser modelo ou atriz.

Eu: Que legal, tu gostas dessas profissões, por que tu quer ser modelo ou atriz?

Michele (13 anos): Porque elas são tipo a mulher ideal, mas eu acho que eu não tenho altura para ser modelo, assim da passarela né, ai eu quero ser aquelas outras que só tiram foto. Eu não sei bem o nome!

Eu: Tu queres ser modelo fotográfica então, é isso?

Michele (13 anos): Isso tia, porque eu sou assim bem magrinha, que nem as mulher das fotos. (1 de julho de 2017).

A partir dessas ideias, é possível considerar que cada uma das meninas que reside na instituição apresenta identidades múltiplas, que vão sendo compostas através das interações com diversos artefatos, pessoas e espaços onde transitam.

Sobre as identidades, Louro (2007, p. 6) afirma que:

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais [...]. Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes.

Com tudo o que foi dito, podemos ponderar que as identidades não são construídas aleatoriamente, mas produzidas em um corpo, nesse caso, os das meninas. As identidades são produzidas a partir de formas múltiplas e transitórias, dependendo da cultura e dos espaços sociais onde estas meninas estão inseridas.

4. Algumas considerações

Este trabalho teve como objetivo analisar as narrativas sobre corpo e produção de identidades de meninas em uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas – RS. A pesquisa foi realizada com as meninas que residem nesse espaço, pois é possível perceber que existem investimentos diferentes em seus corpos, em comparação ao dos meninos.

Durante as análises, foi possível identificar que apesar das meninas entenderem os corpos como biológicos, a todo instante era trazido um viés social e cultural desses corpos, sobretudo no que diz respeito às múltiplas identidades que produzem. As construções identitárias são produzidas sobre os corpos das meninas, levando em consideração a cultura em que elas estão inseridas.

Enfim, ao realizar essa pesquisa com as meninas foi possível perceber o quanto é potente estudar a produção de seus corpos e suas identidades dentro dessa instituição, pois por mais que elas estejam o tempo inteiro sendo disciplinadas e controladas em suas rotinas diárias, através de conselhos/orientações encaminhadas pelas educadoras, isso não impede que esses corpos escapem e produzam outros sentidos, para além daqueles que são permitidos e institucionalizados.

Referências

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. In: Série Pesquisa em Educação. Líber Livro, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUZA, Nádía GS. O corpo como uma construção biossocial: Implicações no ensino de ciências. Ribeiro, PRC & Quadrado, RP. *Corpos, Gêneros e Sexualidade: Questões possíveis para o currículo escolar caderno pedagógico-séries finais*, p. 16-21, 2008.